

O dia inteiro, naquela casa um pouco rústica de mais, que parecia ser apenas um lugar de sesta entre dois passeios ou até passar o aguaceiro, uma daquelas casas em que cada sala parece um caramanchão de verdura e em que, nos papéis que forravam as paredes dos quartos, as rosas do jardim num e, noutro, os pássaros das árvores vêm ter connosco e nos fazem companhia, mas ao menos em separado — porque se tratava de velhos papéis de parede em que cada rosa estava suficientemente isolada para que, se estivesse viva, a pudéssemos colher e cada pássaro pudesse ser metido numa gaiola e domesticado, sem nada daquelas grandes decorações dos quartos de hoje onde, sobre um fundo prateado, se perfilam ao estilo japonês todas as pereiras da Normandia para nos alucinar as horas que passamos na cama; o dia inteiro passava-o eu no quarto que dava para as belas verduras do parque e para os lilases da entrada, para as folhas verdes das grandes árvores à beira de água, cintilantes de sol, e para a floresta de Méséglise. No fundo, só sentia prazer ao contemplar tudo aquilo porque pensava: «É bonito ter tanta verdura na janela do meu quarto», até que, no vasto quadro verdejante, reconheci — esse, pelo contrário, e apenas por estar mais distante, em tons de azul-escuro — o campanário da igreja de Combray. Não uma figuração desse campanário, mas ele próprio, que, pondo-me assim diante dos olhos a distância das léguas e dos anos, viera, pelo meio da luminosa verdura e numa cor muito diferente, tão escuro que parecia apenas desenhado, inscrever-se no quadrado da minha

janela. E se saía do quarto por momentos, avistava ao fundo do corredor, já que este tinha uma orientação diferente, como uma faixa escarlate, o forro da parede de uma saleta, afinal uma simples musselina, mas vermelha e prestes a incendiar-se se nela incidisse um raio de sol.

Durante esses passeios Gilberte falava-me de Robert, dizendo-me que estava a afastar-se dela, mas para se aproximar de outras mulheres. E era verdade que havia muitas a atravancar-lhe a vida e, tal como certas relações de camaradagem nos homens que gostam de mulheres, atravancavam-na com aquele carácter de defesa inutilmente erguida e de lugar em vão usurpado que os objectos que não servem para nada têm na maioria das casas. Ele veio várias vezes a Tansonville enquanto eu lá me encontrava. Estava muito diferente daquele que eu conhecera. A vida não o havia tornado mais espesso, mais lento, como fizera ao senhor de Charlus, antes, muito pelo contrário, operara nele uma mudança inversa, dera-lhe o aspecto desenvolto de um oficial de cavalaria — se bem que tivesse apresentado a sua demissão na altura do casamento — a um ponto tal como nunca havia tido. À medida que o senhor de Charlus se fora tornando mais pesado, Robert (é certo que era muitíssimo mais novo, mas sentia-se que, com a idade, mais iria aproximar-se desse ideal), tal como certas mulheres que sacrificam resolutamente a cara à figura e que a partir de certa altura não largam Marienbad (pensando que, já que não podem conservar várias juventudes ao mesmo tempo, a das curvas do corpo ainda será a mais capaz de representar as outras), tornara-se mais esguio, mais rápido, efeito contrário de um mesmo vício. Esta velocidade possuía aliás diversas razões psicológicas — o receio de ser visto, o desejo de não parecer ter tal receio, o estado febril provocado pela insatisfação consigo mesmo e pelo tédio. Tinha o hábito de frequentar certos locais de má nota onde, como queria que não o vissem entrar nem sair, se enfiava para oferecer aos olhares malevolentes de hipotéticos transeuntes o mínimo possível de visibilidade, como quem lança um assalto. E mantivera aqueles modos de golpe de vento. Eles desenhavam porventura a intrepidez aparente de alguém que pretende mostrar que não tem medo e

que não quer perder tempo a pensar. Para sermos completos haveria que entrar em linha de conta com o desejo de parecer jovem à medida que envelhecia, e até com a impaciência daqueles homens sempre enfadados, sempre enfatiados, por serem demasiado inteligentes para a vida relativamente ociosa que levam e em que as suas faculdades não se realizam. É claro que a própria ociosidade desses homens se pode exprimir em displicência. Mas, sobretudo desde que os exercícios físicos gozam de grande favor, a ociosidade assumiu uma forma desportiva mesmo para além das horas de desporto, e que se traduz, já não em displicência, mas numa vivacidade febril que julga não dar ao tédio nem tempo nem lugar para se desenvolver.

A minha memória, até a minha memória involuntária, perdera o amor de Albertine. Mas parece existir uma memória involuntária dos membros, uma pálida e estéril imitação da outra, e que vive mais tempo, assim como certos animais ou vegetais não inteligentes vivem mais tempo que o homem. As pernas, os braços, estão cheios de recordações entorpecidas.

Certa noite em que deixara Gilberte bastante cedo, acordei a meio da noite no quarto de Tansonville e, ainda semiadormecido, chamei: «Albertine!» Não que tivesse pensado nela, ou sonhado com ela, nem que a tivesse tomado por Gilberte: acontecera que uma reminiscência que me nascera no braço me havia levado a procurar a campainha atrás das costas, como no meu quarto de Paris. Não a encontrando, chamara: «Albertine!» por julgar que a minha defunta amiga estava deitada a meu lado, como muitas vezes acontecia à noite quando adormecíamos juntos, contando, ao acordar, com o tempo de que a Françoise precisaria para chegar, de modo a que Albertine pudesse sem imprudência puxar a campainha que eu não achava.

Agora — ao menos durante esta fase deplorável — muito mais seco, Robert já não revelava diante dos seus amigos — e, por exemplo, diante de mim — qualquer espécie de sensibilidade. E, em compensação, tinha para com Gilberte uns fingimentos de pieguice levados quase até à farsa e que eram desagradáveis. Não que na realidade Gilberte lhe fosse indife-

rente. Não, Robert amava-a. Mas estava sempre a mentir-lhe, o seu espírito de duplicidade, se não o próprio fundo das suas mentiras, estava permanentemente a descoberto. E então achava que não podia salvar-se a não ser exagerando em ridículas proporções a tristeza verdadeira que sentia por desgostar Gilberte. Chegava a Tansonville, obrigado, dizia, a partir outra vez no dia seguinte por força de um assunto a tratar com um certo cavalheiro da região que supostamente o esperava em Paris e que, ao ser encontrado nessa mesma tarde perto de Combray, punha involuntariamente a descoberto a mentira de que Robert se esquecera de o informar, dizendo que viera à terra para descansar um mês e que entretanto não regressaria a Paris. Robert corava, via o sorriso melancólico e arguto de Gilberte, desembaraçava-se do desastrado insultando-o, voltava para casa com a mulher, mandava entregar-lhe um bilhete desesperado onde lhe dizia que tinha inventado aquela mentira para não a desgostar, para que ao vê-lo regressar por uma razão que não podia revelar-lhe ela não julgasse que não a amava (coisa que, embora descrita como mentira, era afinal verdadeira), e depois mandava perguntar-lhe se podia ir ao seu quarto, onde, em parte por tristeza verdadeira, em parte por cansaço daquela vida e em parte por simulação de dia para dia mais audaciosa, soluçava, se cobria de suores frios, falava da sua morte próxima, e às vezes se deixava cair no chão como se se tivesse sentido mal. Gilberte não sabia até que ponto devia acreditar nele, achava que ele mentia em cada caso em particular mas que de uma maneira geral era amada, e inquietava-se com aquele pressentimento de uma morte próxima, pensando que ele teria acaso uma doença que ela desconhecera — e por isso não se atrevia a contrariá-lo e a pedir-lhe que renunciasse às suas viagens. Aliás, também eu não compreendia porque é que Morel era recebido como filho da casa, juntamente com Bergotte, onde quer que estivessem os Saint-Loup, tanto em Paris como em Tansonville. Morel imitava Bergotte na perfeição. Passado algum tempo, deixou até de ser preciso pedir-lhe que o imitasse. Tal como aqueles histericos que já não é preciso adormecer para se conseguir que se transformem nesta ou naquela pessoa, ele entrava por si mesmo de repente na [...]¹.

A Françoise, que vira tudo o que o senhor de Charlus havia feito por Jupien e tudo o que Robert de Saint-Loup fazia por Morel, não concluiu daí tratar-se de uma característica que reaparecia nos Guermantes em certas gerações — já que Legrandin ajudava muito Théodore —, antes acabara por acreditar, ela, uma pessoa de tanta moralidade e tão cheia de preconceitos, que aquele era um costume cuja universalidade o tornava respeitável. Dizia sempre acerca do rapaz, fosse ele Morel ou Théodore: «Encontrou um cavalheiro que sempre se interessou por ele e que o ajudou muito.» E como em tais casos os protectores são aqueles que amam, que sofrem, que perdoam, a Françoise, entre eles e os menores que desviavam, não hesitava em atribuir-lhes o melhor papel, em achá-los pessoas de «bom coração». Censurava sem hesitação Théodore, que havia pregado muitas partidas a Legrandin, apesar de não poder ter muitas dúvidas acerca da natureza das suas relações, porque acrescentava: «Então o pequeno percebeu que tinha de dar alguma coisa de seu e disse: “Fique comigo, que eu hei-de gostar muito de si, hei-de dar-lhe muitos mimos” e, palavra, aquele cavalheiro tem tão bom coração que o Théodore pode evidentemente estar certo de encontrar nele se calhar muito mais que o que merece, porque é um cabeça no ar, mas aquele cavalheiro é tão bom que eu já disse muitas vezes à Jeannette (a noiva de Théodore): “Olhe, pequena, se alguma vez estiver em dificuldades, vá ter com aquele senhor. Ele era capaz de dormir no chão para lhe dar a cama a si. Gostou tanto do pequeno (Théodore) que não pode mandá-lo embora. Pode ter a certeza de que nunca o abandonará.”»

Por delicadeza perguntei à irmã o nome de família de Théodore, que vivia agora no Sul. «Então foi ele que me escreveu a propósito do meu artigo no *Figaro!*», exclamei ao saber que ele se chamava Sanilon.

A Françoise também gostava mais de Saint-Loup que de Morel e considerava que, apesar de tudo o que o pequeno (Morel) havia feito, o marquês nunca o deixaria em dificuldades, porque era um homem cheio de bom coração, ou então seria preciso que lhe acontecessem também grandes desgraças.

Este insistia em que eu me deixasse ficar em Tansonville,